

DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE E DOS PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

¹AGUIAR, Fernanda Matias; ¹LEAL, Thainá Cristina; ²COIMBRA, Juliano Rodrigues

^{1e2}Curso de Enfermagem

Unifio - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos/Unifio/FEMM

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conhecido popularmente como Autismo. É um transtorno global (distúrbios nas interações sociais recíprocas) do desenvolvimento, a etiologia é desconhecida, entretanto, a tendência atual é considerá-la como uma síndrome que envolve várias causas, relacionado a fatores genéticos e neurológicos (PINTO, et al., 2016).

De acordo com Segeren (2014), o autismo afeta a interação social, a comunicação e o comportamento, seu diagnóstico se dá geralmente nos três primeiros anos de vida, geralmente pelos pais ao perceberem dificuldade na fala, pouco contato visual, movimentos estereotipados e movimentos repetitivo e sua prevalência se dá no sexo masculino.

Por não ser uma síndrome tão estudada os profissionais da saúde não estão totalmente capacitados para dar informações complementares a respeito da causa e de como será a vida da criança futuramente em relação a faculdade, trabalho e relacionamentos, afeta a reação dos pais ao receber o diagnóstico. Constantemente essa reação é de choque, negação, depressão, medo do preconceito, sentimento de culpa, raiva e vergonha, neste sentido, se faz de extrema necessidade o acolhimento adequado aos pais que cujo o filho obteve diagnóstico de TEA. Após o diagnóstico os pais são instruídos a procurar uma instituição como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), para obter mais informações a respeito da síndrome. (SEGEREN, 2014; MAIA, 2016).

Ao se deparar com o diagnóstico do filho, ocorre uma mudança radical na rotina da família, o cuidador, que a maioria das vezes é a mãe, precisa passar por inúmeras adaptações, o que requer muitas vezes que a mãe peça demissão do seu emprego, para conseguir prover as necessidades da criança. Isso se torna um fator estressante para os familiares e que precisa de um longo tempo para se adaptar à nova realidade e iniciar de forma leve esse período de enfrentamento. Assim, vale a pena lembrar que a aceitação da criança pelos familiares, como irmãos, avós, tios, primos, é de suma importância para seu desenvolvimento e para a superação dos pais pelo diagnóstico e adaptações diárias. (PINTO, et al., 2016).

A adolescência é uma fase difícil tanto para a família quanto para o adolescente, mesmo quando este possui ou não deficiência neurológica, no entanto, as dificuldades dos autistas são bem específicas, sendo elas: higienização, menstruação, sexualidade e agressividade, que aumenta nessa idade. A fase da descoberta gera muita insegurança aos pais, pois ninguém está preparado para enfrentar situação como esta. (SEGEREN, 2014).

A fim de melhor compreender o assunto abordado e como os profissionais de saúde tem acolhido os pais que recebem esse tipo de diagnóstico e como amparar a família nesse momento, foi levantado os seguintes questionamentos: Como a família lida com o recebimento do diagnóstico? Os profissionais de saúde estão preparados para acolher a família afetada? Como será a realidade dos familiares após aceitação do transtorno?

Assim o presente trabalho justifica-se pela importância científica do tema e visa contribuir com os profissionais e acadêmicos da área da saúde no que diz respeito à relação entre o profissional de saúde e a família que acaba de receber o diagnóstico do autismo e como isso gera um impacto na família.

Desta forma, este estudo terá como objetivo apresentar como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta os pais e quais os desafios que eles enfrentam logo após receberem o diagnóstico.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica analítica. Optou-se por usar como fonte de análise, artigos científicos indexados nas plataformas virtuais GOOGLE e SCIELO. Para a busca dos artigos, foram utilizados os unitermos: Autismo; Relações familiares. Os artigos foram escolhidos mediante a leitura dos respectivos resumos, em seguida seus conteúdos foram analisados através da leitura integral de cada um. Finalmente, foram utilizados na elaboração deste estudo, um total de 9 artigos científicos recentes publicados na língua portuguesa.

RESULTADOS

O portador do autismo se caracteriza principalmente pela incapacidade de comunicação e de se expressar adequadamente. Isso se deve ao fato do atraso que o autista tem no processo pelo qual a criança aprende sua língua materna (aquisição da linguagem), ao uso padronizado e repetitivo da fala e a falta desinteresse social e emocional perante suas relações (SMEHA; CEZAR, 2011).

Silva e Mulick (2008) destaca que o diagnóstico de autismo é estabelecido com base em uma lista de critérios comportamentais. Segundo os critérios do DSM-IV-TR, para que chegue a um diagnóstico concreto de autismo, a criança deve apresentar pelo menos seis dos sintomas que será apresentado, onde será avaliado se o paciente apresenta pelo menos dois dos sintomas de interação social, pelo menos uma dificuldade comunicação ou pelo menos um comportamento sendo eles restritos, repetitivos e estereotipados.

Além disso, para o diagnóstico concreto, a criança precisa ser avaliada e observadas se há atrasos ou dificuldades anormais, até seus três anos, nas seguintes áreas: (1) disposição para com a sociedade (2) fala ou linguagem interpessoal (3) diversões figurativas ou imaginárias. (SILVA; MULICK, 2008).

Vários estudos que visam a criança a longo prazo, perceberam que dois terços das crianças autista se tornam totalmente dependente de seu cuidador e que talvez somente um terço deles são capazes se tornarem adultos dependentes e autossuficientes, entre estes, a maioria pode ter uma melhora razoável, mas ainda com dificuldades sociais e comportamentais e uma minoria, pode ter uma boa melhora e uma vida adulta ativa, com capacidades profissionais e uma vida independente.. (KLIN, 2006).

No âmbito familiar, quando se trata em receber um diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista, a primeira reação é negativa, pois os pais até então estão preparados para receber um filho saudável e sem qualquer tipo de problema, não cogitam de maneira alguma que seu filho possa ter algum tipo de deficiência, e quando isso ocorre, passam por um sentimento de luto, medo, insegurança e da não aceitação. (DUARTE, 2019).

Dessa forma, é necessário elaborar a maneira que será revelado o diagnóstico aos familiares, de modo que seja um diálogo leve que seja capaz de suprir todas suas dúvidas, e assim estar preparado para compreender, acolher e consolar esses familiares, pois o processo de aceitação do diagnóstico, principalmente por parte dos pais, se torna difícil, pois raramente conhecem a síndrome, por isso requer um maior conhecimento por parte do profissional que noticiará a descoberta do autismo para conseguir passar todas as orientações necessárias e saber acolher e dar apoio à família afetada (PINTO et al., 2016)



Fonte: Felipe Henrique, 2018.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, tem um grande impacto nas famílias afetadas. A expectativa por um filho saudável e sem qualquer tipo de doença, é frustrada e o sentimento de negação, raiva, medo, se torna algo difícil de ser lidado até o momento. E isso se dá ao fato, de pouco se falar da síndrome e devido ao desconhecimento de suas causas. Por isso, há uma necessidade maior de um bom profissional nesse momento, para saber acolher e dar o apoio necessário

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz, et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **VER. Gaúcha Enferm.**, Porto alegre, v. 37, n. 3, Jan, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983/1983-1447.2016.03.61572>>. Acesso em: 06 ago. 2021

SEGEREN, Leticia, de Campos Françoza, Maria de Fátima. As vivências de mães de jovens autistas. *Maringá: Psicologia em Estudo*. 2014, vol. 19, núm. 1, enero- marzo, 2014, p. 39-46. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/comocitar.oi?id=287132425006>>. Acesso: 06 ago. 2021.

SMEHA, Luciane Najjar; Cezar, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50. Mar, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvvgqWpK/?lang=pt#>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

SILVA, Micheline, Mulick, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2009, v. 29, n. 1, p. 116-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, May 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

DUARTE, Aldylayne Elen Oliveira. Aceitação dos pais para o transtorno do espectro autista do filho. *Rev. Inter. de Apoio à Inclusão, Fonoaudiologia, Sociedade e Multiculturalismo*. 2019, v. 5, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.17561/riai.v5.n2.5>>. Acesso em: 15 ago. 2021